

Goiabal em chamas: ardentes memórias e criações para renascer com as cinzas

Goiabal in flames: burning memories and creations to be reborn from the ashes

TIAGO AMARAL SALES

Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal - Ituiutaba, M.G., Brasil

VICTÓRIA DOS SANTOS QUEIROZ

Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal - Ituiutaba, M.G., Brasil

KAREN EVANGELISTA MARQUES

Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal - Ituiutaba, M.G., Brasil

KAREN DANIELA DE SOUSA CUSTÓDIO

Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal - Ituiutaba, M.G., Brasil

MIKE NASCIMENTO DOS SANTOS

Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal - Ituiutaba, M.G., Brasil

LUCAS MATHEUS DA ROCHA

Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal - Ituiutaba, M.G., Brasil

COLETIVO GOIABAL VIVO¹

RESUMO

O que pode, em tempos de intensas mudanças climáticas, um coletivo ambientalista que se coloca na tarefa de, junto da luta pelas múltiplas vidas do Cerrado, também experimentar criações imagéticas e escritas? Após um período prolongado de secas e recorrentes queimadas no triângulo mineiro, o Parque do Goiabal, localizado na cidade de Ituiutaba – MG, foi vastamente incendiado. Nesse período, o Coletivo Goiabal Vivo, organização que trabalha pelo cuidado dessa e de outras áreas do bioma Cerrado, agindo em ações educativas, em pesquisas biológicas e divulgação científica, teve intensa atuação. Durante a queimada que afetou o parque, em outubro de 2024, registrou-se fotografias, as quais posteriormente foram revisitadas e experimentadas entre manipulações digitais e escritas

¹ O coletivo Goiabal Vivo é composto por Tiago Amaral Sales, Victória dos Santos Queiroz, Karen Evangelista Marques, Karen Daniela de Sousa Custódio, Mike Nascimento dos Santos, Lucas Matheus da Rocha. A ordem dos nomes da autoria seguiu a indicada na submissão.

poéticas que surgiram em fluxos, dando vazão às memórias e afetos. Objetivou-se criar um arquivo experimental, poético e criativo a partir das marcas que perduraram daquele trágico dia, denunciando o descaso com o parque, as crises ambientais e pensando na força do coletivo perante tais questões e nas potências formativas que surgem nas interfaces entre ciências, artes e educação para articular ações nas relações naturais-culturais.

PALAVRAS-CHAVE

Poéticas, formação, mudanças climáticas, processo criativo, imagem.

ABSTRACT

What can an environmental collective that aims, in addition to the struggle for the multiple forms of life in the Cerrado, also experiment with imagery and written creations do in times of intense climate change? After a long dry season and recurrent fires in the region of the Minas Gerais triangle, the Goiabal Park, located in the municipality of Ituiutaba, was extensively burned. During this period, the Goiabal Vivo Collective, an organization that works for protecting this and others Cerrado biome areas, acting on educational activities, biological researches and scientific dissemination, had strong actuation. At this time, in 2024 October, photographs were registered, these were revisited and experimented between digital manipulation and poetic writings that came in fluxes, giving vent to the memories and affections. Aiming to create an experimental archive, poetic and creative through the endured marks of that tragic day, denouncing the neglection with the park, the ambiental crisis, but thinking about the strengthness of collective against such questions and the potential formations that urges at the interface between science, arts and education in order to articulate activities in the natural-cultural relations.

KEYWORDS

Poetics, formations, climate change, creative process, images.

1. Intentos iniciais: a vida (antes) das chamas

Sobreviver ao ano de 2024 não foi uma tarefa fácil e, infelizmente, muitos seres não tiveram esse privilégio. As crises climáticas se acirraram em diferentes âmbitos. No Brasil, no primeiro semestre, fomos marcados pelas graves enchentes na região Sul do país, sobretudo no estado do Rio Grande do Sul e, alguns meses depois, foram as secas que nos assolararam intensamente. Parecendo certa profecia e ditado popular de que ‘nada é tão ruim que não possa piorar’, piorou: junto de um dos períodos com menor precipitação registrado nas últimas décadas, o nosso território queimou.

Quando nos distanciamos um pouco, podemos perceber que não há nada de acaso e nem de banal nesses desastres. São frutos de modos de ocupar o planeta, de ver a Terra, nosso lar, como material a ser usado, usurpado, cortado, comercializado, capitalizado, destruído. O pensador indígena Ailton Krenak (2019, 2020) já anuncia décadas atrás que esse jeito exploratório de nos relacionar com os ecossistemas está nos levando ao fim do mundo – ou melhor, ao fim do nosso mundo. É fato que a Terra enquanto planeta seguirá existindo por mais muito tempo, mas e nós, humanos? E os demais seres não humanos e mais que humanos, quais conseguirão resistir?

Plantas, animais, fungos, bactérias, protozoários... todos em risco. Também as montanhas, os rios, os lençóis freáticos... paisagens multiespécies colapsadas em perigos que afetam diferentes seres de formas distintas dependendo de cada tempo e espaço em que se localizam. Um mundo em ruínas, como demarca a antropóloga Anna Tsing (2019) ao nomear o Antropoceno. Junto de Tsing, a bióloga, antropóloga e filósofa da ciência Donna Haraway (2023) pensa e propõe outros nomes para estes duros tempos que temos atravessado e (co)construído: Capitaloceno (marcado pelas engrenagens capitalistas), Plantationoceno (atravessado pelos modos de cultivar explorando vidas humanas e não humanas) e Chthuluceno (marcado pelos seres ctônitos, que reviram a Terra/terra, compostando e anunciando caminhos possíveis). Independente dos nomes, percebemos processos colonizatórios, duros, perversos. Máquinas de matar que se multiplicam. Como escapar a tudo isso?

De volta às crises ambientais que nos assolararam em 2024, as secas foram agravadas pelas queimadas – sobretudo criminosas. No Brasil, as regiões Sudeste, Centro Oeste e Norte foram inicialmente as principais afetadas, desolando biomas como o Pantanal, a Amazônia e o Cerrado. Triste de se ler e escrever, quase impossível de se viver. Nós que grafamos essas linhas sabemos disso, e atravessamos com nossos corpos todos esses acontecimentos, deixando cicatrizes.

Localizamos esse trabalho em meio a todos estes acontecimentos que permeiam um mundo em ruínas marcado pelas mudanças climáticas. Ele é escrito por um grupo de pessoas que se engaja com questões ambientais e que, dentre tantos movimentos, também acredita no diálogo possível entre pensar em um ambiente em crise e mobilizar processos criativos-artísticos. Somos biólogos/as, professores/as e estudantes, nos situando na região do triângulo mineiro, a qual é marcada pelo bioma Cerrado² e foi uma das mais intensamente impactadas pelas secas, altas temperaturas e gigantescas queimadas de 2024.

Estamos vinculados à Universidade Federal de Uberlândia (UFU), campus Pontal. Localizados na cidade de Ituiutaba – MG, na região conhecida como pontal do triângulo mineiro, fomos nas últimas décadas rodeados por extensões de monocultura – sobretudo cana de açúcar e pecuária extensiva, junto da recente expansão

² Escolhemos grafar o nome do bioma Cerrado com a primeira letra maiúscula como forma de marcar a importância desses ecossistemas e de sua biodiversidade aos mundos humanos, não humanos e mais que humanos. Essa é uma postura política do Coletivo Goiabal Vivo.

imobiliária e consequente adensamento populacional, intensificando os efeitos das mudanças climáticas na região. Nos períodos de seca, torna-se insalubre habitar estes territórios. Em meio a isso, está o Parque Doutor Petrônio Chaves, conhecido popularmente como Parque do Goiabal, uma das últimas áreas remanescentes de Cerrado da região, teoricamente gerida e abandonada pela gestão municipal anos atrás. Em decorrência desse parque se situar ao lado do campus Pontal da UFU, historicamente a universidade teceu íntimas relações com a mesma.

Nos últimos anos, ignorado pela gestão municipal e acolhido pelos cursos de graduação e pós-graduação da UFU, o Parque do Goiabal tornou-se espaço de aulas, de pesquisas e de atividades extensionistas. Mais do que laboratório vivo para a prática do tripé universitário de ensino-pesquisa-extensão, ele foi reconhecido como território de resistência, lar de tantos seres não humanos e mais que humanos, ecossistema a ser cuidado. Assim, nos últimos anos, o Coletivo Goiabal Vivo foi articulado por estudantes, professores e comunidade externa da UFU e de outras instituições universitárias da região. O mesmo consiste em um agrupamento de pessoas voluntárias que luta pela conservação do Parque do Goiabal e do bioma Cerrado como um todo, investindo em práticas educativas e extensionistas na universidade, em escolas, praças, órgãos públicos e tantos outros espaços, também articulando encontros acadêmicos, grupos de estudos e múltiplas ações cocriadas a partir do que é demandado pelo coletivo.

O projeto Coletivo Goiabal Vivo se articula, se orienta e movimenta sob a perspectiva ambientalista, ao se afastar de termos e propostas desenvolvimentistas sustentáveis que operam em consonância com o desmonte das áreas “verdes” que abrigam as vidas de seres não humanos situados no território de Ituiutaba – MG. Direcionados por vezes pelos saberes não legitimados, quilombolas e dos povos originários, em confluência e compartilhando os conhecimentos e relações de parentescos – como nos ensina Antônio Bispo dos Santos (2023) –, desejamos tecer diálogos com múltiplas formas de vida que habitam diferentes espaços.

Durante o período de intensas secas e queimadas no triângulo mineiro – que em anos mais secos chegam a durar seis meses (Novais; Brito; Sanches, 2018) – o Coletivo Goiabal Vivo teve notória importância atuando no monitoramento de focos de incêndio que surgiam em alguns pontos do parque, em ações de conscientização ao público universitário e de seus arredores, levando alimento aos animais que buscam refúgio ou vivem nas suas áreas, realizando a solicitação de serviços de poda e capina

nos aceiros do parque para evitar incêndios, dentre outras ações. Porém, mesmo com muito cuidado de pessoas que se importam com o Parque do Goiabal, com o Cerrado e com as vidas humanas e não humanas que residem na região, na noite de 25 de setembro de 2024 o mesmo foi acometido por chamas iniciais – provavelmente criminosas. Desde a constatação desses focos de fogo integrantes do coletivo correram para lá estarem, contatando as autoridades públicas responsáveis para cuidarem daquela situação, porém sem o apoio necessário para contê-la.

Ao longo da fatídica noite da quarta-feira, em 25 de setembro de 2024, o fogo nas áreas vegetais se alastrou e, no dia seguinte, tomou proporções incontroláveis, destruindo grande extensão do Parque do Goiabal, chegando inclusive a adentrar no território da UFU, campus Pontal, colocando também este nosso espaço em perigo. Sabemos que incontáveis vidas foram impactadas por este incêndio e, nos dias seguintes, fomos tomando consciência de sua devida proporção. Fizemos o que pudemos, com intensa ação coletiva, mas sabemos também da nossa limitação. Entretanto, como de praxe, pelo extenso grupo que faz parte do Coletivo Goiabal Vivo, as medidas para lidar com este contexto seguiram acontecendo desde aquele dia e se desdobram também neste trabalho.

Na noite do dia 25 e a manhã e a tarde de 26 de setembro de 2024, momentos de incêndio no parque, Victória Queiroz – licencianda em Ciências Biológicas, fotógrafa, artista, integrante ambientalista do Coletivo Goiabal Vivo e coautora deste trabalho – realizou diversos registros do que lá acontecia com sua câmera. São imagens de desespero, de dor e de fins que também carregam certa carga poética em sua visceralidade. Cada fotografia tem a potência de denunciar o que aconteceu lá, mas mais do que isso, também pode embrenhar na produção de narrativas outras, de desdobrar-se, de ressoar em um devir-fênix³ – “[...] a partir das cinzas, renascer e expandir, ser mais, ser além, ser vida que transborda e preenche...” (Sales, 2020, p. 478) – da renovação possível que virá no próprio coletivo, no parque, na universidade, em nossas vidas e, sobretudo, no próprio Cerrado.

Henri Cartier-Bresson, conhecido como figura importante do fotojornalismo, diz que a fotografia é capaz de fixar a eternidade em um instante, trazendo em seus

³ “Criar um devir-fênix: renascer das cinzas. Germinar vida a partir do luto, do confronto, da morte, da fuga, da arte, da literatura, da ciência, da filosofia, dos encontros... Embrionar novos mundos em meio às incertezas e aprender formas outras de passar, devir-ave, passar-passarinho” (Sales; Estevinho, 2021, p. 294).

trabalhos a poética de denúncia (Espir, 2004). No momento do incêndio a fotografia surgiu como movimento de denunciar a criminalidade, um registro que aponta que o crime não começou com o fogo, mas sim com o abandono. Para a fotógrafa e coautora deste trabalho, este ensaio fotográfico do incêndio conversa com a abordagem de Bresson, especificamente no conceito do *instante decisivo* (Cartier-Bresson, 1971), pois naquele momento a intenção era de capturar momentos únicos que trouxessem à tona uma história e contexto político, e buscar o equilíbrio entre a composição estética e o caos do momento, provocando a emoção e reflexão, imortalizando um evento que impactou uma comunidade.

Alguns meses após o incêndio e os registros fotográficos citados, colocamo-nos coletivamente no trabalho de revisitar essas imagens e com elas compor. Para além da lógica da denúncia – que, reiteramos, carrega sim a sua importância –, desejamos dar vazão aos afetos que pediam passagem (Rolnik, 2016) e criar algo com tudo isso que se materializa em nossos corpos através dessa experiência. Assim, o processo criativo e o trabalho artístico engendrado conjuntamente conformam um trabalho ativista e de cura, de militância e de elaboração do vivido junto de um diálogo íntimo entre ciências e artes em um processo também educativo e formativo que marcou as nossas vidas. São criações multiespécies que acontecem junto de animais e de vegetais do Cerrado, junto do fogo e das cinzas, junto das paisagens geográficas e afetivas, junto do que nos atravessa. Tudo isso compõe as modulações entre escritas e imagens que se materializam neste trabalho.

Assim, emerge este ensaio poético-visual que parte de ações de um coletivo ambientalista vinculado a uma instituição pública de ensino-pesquisa-extensão, atravessando contextos formativos iniciais, sobretudo de futuros/as biólogos/as, cientistas e professores/as de ciências e biologia, junto à formação continuada de biólogos/as e professores/as que fazem parte desse bando-goiabal. Experimentar criações artísticas foi um modo de levar a sério a nossa formação enquanto pessoas engajadas com a vida, com o Cerrado e com o mundo, mobilizando o que Donna Haraway (2023) nos ensinou acerca do cultivo de uma ‘respons-habilidade’ com o outro: uma habilidade responsável, ativa, engajada.

Dessa forma, ao nos reencontrarmos com as imagens daquele incêndio, pudemos materializar em escritas performáticas, poéticas e testemunhais os fluxos vividos e com eles também fabular. As fotografias dizem por si só em sua materialidade poética. Haraway nos lembra que “Algumas das coisas mais

interessantes sobre a espécie são feitas em projetos científicos de ficção científica, literários e não literários – projetos artísticos de vários tipos” (Haraway, 2021, p. 132). Assim, percebemos que unir arte e natureza em tempos de mudanças climáticas é um desafio e necessidade para expandir as nossas maneiras de nos relacionarmos com a Terra/terra, de cultivarmos futuros por vir.

Compreendemos, também inspirados em Haraway (2022; 2023), que a natureza é indissociável da cultura, constituindo naturezas-culturas emaranhadas. Percebemos isso como algo muito sério, pois a própria percepção de uma cultura colonial de que a natureza é um bem a ser usado e comercializado, ao total dispor humano – ou melhor, de homens, brancos, heterossexuais, cisgêneros, ricos, do norte global –, é responsável por tamanhas catástrofes climáticas. Mudar as lógicas e cultivar outras formas de nos relacionarmos com os seres não humanos e mais que humanos, com as catástrofes, com os ecossistemas, com a vida que pulsa em nós e no mundo é um modo de deslocar as lógicas perversas do capital.

Haraway (2023) nos faz uma convocatória a não apenas produzir sobre algo – o Cerrado, o Parque do Goiabal, os animais, as plantas, o fogo, o incêndio, as cinzas – mas escrever com e, sobretudo, viver e morrer com⁴, pois “[...] estamos aqui para viver e morrer com, não só para pensar com e escrever com. Mas, para isso, também estamos aqui para semear mundos com” (Haraway, 2023, p. 225). Semear mundos no Parque do Goiabal, semear mundos com o Parque do Goiabal, cultivar mundos-Cerrado⁵, renascer das cinzas, feito as árvores que florescem depois das intensas secas e das queimadas que aparentemente desolam tal bioma.

Assim, também nos inspiramos no que Giorgio Agamben (2009) reflete acerca de que ser contemporâneo é habitar um tempo incerto, e que a poesia é uma maneira de situar-se neste aqui-e-agora em ebulação. Dessa forma, entendemos que “O poeta

⁴ Outro trabalho que se debruça com maior aprofundamento na questão de viver e morrer com os outros seres é o artigo: “Viver e morrer com: (trágicas) aprendizagens multiespécie e modos de dizer adeus” (Sales, 2024). Sobre esta dimensão, reflete-se acerca da importância de “Levar a sério a tarefa de viver e morrer com os seres na Terra/terra. Experimentar a arte de compor com. Também se abrir aos afetos que percorrem o corpo e pedem passagem. (...) Viver e morrer com os outros seres demanda de nós coragem para perceber os movimentos que acontecem cotidianamente nos emaranhados multiespécies que vamos tecendo” (Sales, 2024, p. 222).

⁵ Nesse cultivo de mundos-Cerrado, aprender a devir: “Devir-cerrado: ser tortuoso como as árvores do cerrado. Potência: renascer das cinzas, florir após a queimada. Devir-cerrado: florir na seca como os ipês, resistir. Devir-cerrado: florir-do-chão. Devir-cerrado: simplicidade que transborda em diversidade de vida. Devir-cerrado: ser potência, potência de vida, de germinação, de crescimento, embrionar, estar pronto para (re)nascer a qualquer momento, com força” (Sales, 2020, p. 478).

– o contemporâneo – deve manter fixo o olhar no seu tempo” já que “[...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (Agamben, 2009, p. 62). Percebemos o escuro, as chamas, a fumaça, as cinzas. Voltamos a tudo isso para sentir o que permanece, o que pode ressoar em nós, conosco, em um futuro por vir criado agora. Enfim, cultivar mundos... com as fotos e escritas: caminhos possíveis a se tentar experimentar coletivamente.

2. Paisagens em imagens, chamas, cinzas e escritas: experimentações

Quantas escritas podem surgir com as imagens de um incêndio? O que pede passagem e extravasa em nossos corpos ao com elas nos reencontrar? É a partir disso que esse arquivo poético-imagético ensaia caminhos após queimarmos junto do Parque do Goiabal. Morremos, sim, mas também percebemos que é possível renascer, mesmo que doa. Revisitar as imagens daquele dia é poder pensar com olhos outros um tempo próximo, que passou, mas que segue perto. É poder compor com aquilo, criar um caminho a seguir. Repetimos: semear mundos no Cerrado, semear mundos com o Cerrado, semear mundos com o Parque do Goiabal, semear mundos com o Coletivo Goiabal Vivo.

Antes de tudo

Antes do começo do mundo

Elemento criador

Alguma coisa devia existir

Também destruidor

E eu ouso a dizer o que era:

Catalisador

O fogo

De começos e de fins

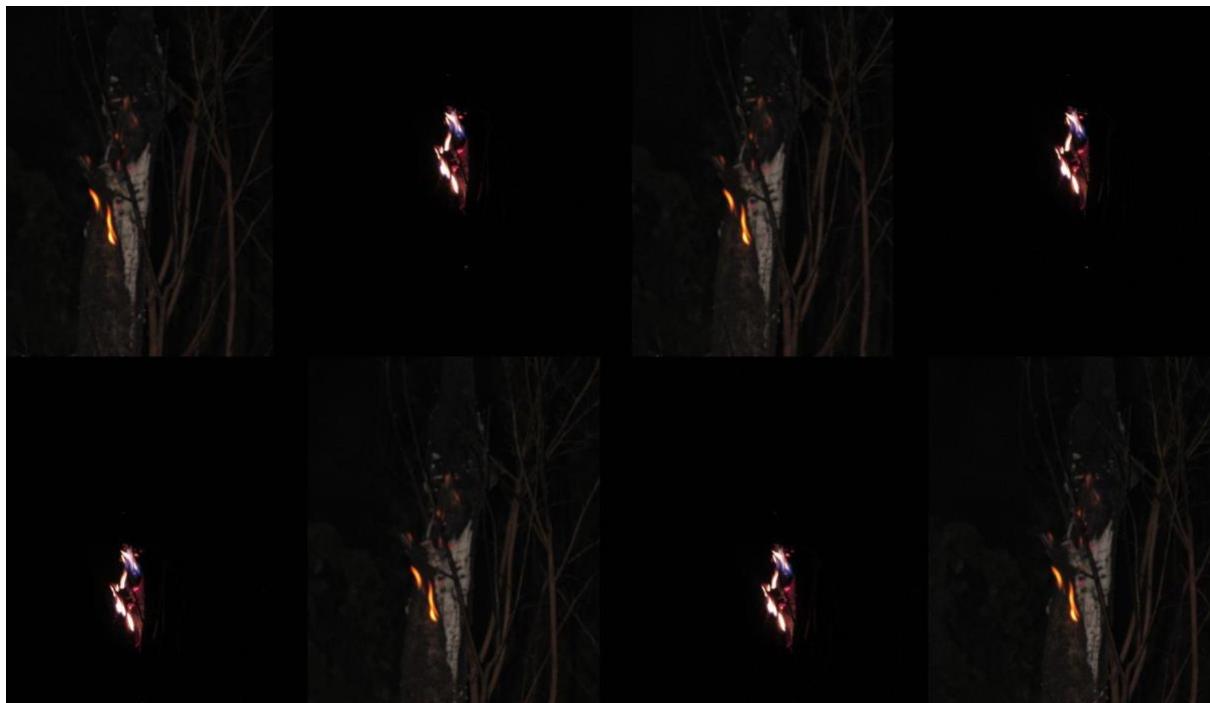


Imagen 1. Queiroz, Victória. À noite, as primeiras chamas. Registros e acervo pessoal de Victória Queiroz, 2024. Fotografias no Parque do Goiabal (Ituiutaba, MG) na noite de 25/09/2024 manipuladas digitalmente pelas autorias.

Era noite, alguém chamou
Você pôde ouvir?
Você escutou?

Chamou, sim!
Eu sei que sim!
E ainda assim...
O bombeiro demorou.

E ninguém chegou?
As chamas se espalharam
O fogo cruzou
No caminho de tantos
Incendiou

O parque abandonado
Que pena, coitado

Um pedaço do Cerrado
A incendiar
Mais uma queimada
Na noite, na calada
E no dia seguinte
A se alastrar

Se soubéssemos disso
Será que dormiríamos
Naquela noite
Ainda sem fim?

Se soubéssemos de tanto
Quiçá não pregaríamos
As mentes, os olhos
De medo do futuro
De ânsia do fim

Que pena que não soubemos
Que bom que sabemos
Que ruim que não podemos
Tudo fazer
Mas que alegria ver
Que de tantas cinzas

Certa união
Pôde então nascer
De um coletivo
Há anos tentando
Há tempos agindo
Goiabal Vivo!
Presente! A crescer!



Imagen 2. Queiroz, Victória. Há esperança entre cinzas, fumaça e chamas? Registros e acervo pessoal de Victória Queiroz, 2024. Fotografias no Parque do Goiabal (Ituiutaba, MG) na manhã de 26/09/2024.

As cinzas povoaram as nossas casas. Era um tempo infernal. Dias e noites de fumaça pelas ruas. As janelas sempre fechadas. Ou abertas a nos defumar.

Os privilegiados com seus ares condicionados. Os pobres, coitados, a derreter e definhar.

Animais... humanos, que se virem.

Animais... não humanos, que se queimem.

Animais... sábios... será?
Animais... a incendiar
Escrever performaticamente
É uma forma de renascer
Mesmo com tanta dor, com tanta luta
Poder entender
Que o Goiabal segue vivo
Em Ituiutaba, aqui comigo
Que o Goiabal segue vivo
Conosco, com um coletivo
Vivo!
Como um coletivo
De pessoas, de plantas, de coisas
Um coletivo com história, com forças
A renascer...



Imagen 3. Marques, Karen. Entre ares, olhar o que restou. Registros e acervo pessoal de Karen Marques, 2024. Fotografias no Parque do Goiabal (Ituiutaba, MG) na manhã de 26/09/2024 manipuladas digitalmente pelas autorias.

Um olhar atento	Olhar-suspenso
Intenta	Olhar-querer
O tempo	Deseja chuva
Parece ver	Deseja calma
Um olhar para o nada	Deseja água
Atenta	Deseja a cura
Ao voo	
Da água, do fogo	Deseja um mundo
No vento correr	Diferente
	Em tantas catástrofes
Um olhar de lamento	Afere a música
De força	De uma realidade
De rebento	A se fazer...
Olhar-fumaça	



Imagen 4. Queiroz, Victoria. Céu coberto por cinzas, matéria que já foi vida. Registros e acervo pessoal de Victória Queiroz, 2024. Fotografias no Parque do Goiabal (Ituiutaba, MG) na manhã de 26/09/2024 manipuladas digitalmente pelas autorias.

Céu cinzento, céu que chora,
Coberto de fumaça e de dor,
Te olho e sinto não só o ar,
Mas a chama que consome o respeito.

Não é fogo que limpa, que transforma,
É o fogo do abandono, criminoso.
Chamas que gritam, mas ninguém ouve,
E a vida se apaga, o tempo imprime.

Cinzas sobem, até tudo ser nada,
Cinza, cor cinzenta, o cinza sem vida
Cinza de ausência, de morte calada
A Terra viva, sendo subjugada.

Antes do cinza, era verde.
O verde que respirava, que resistia
O Goiabal vivo, e a terra vivia

O fogo ardeu não só no chão,
Ardeu em nós, na pele e no pulmão

Levou a vida, levou memória,
Queimou o coletivo, rasgou a história.

Mas das cinzas, surge, surgiu, surgirá
Uma voz que insiste em resistir e perseverar
Pois mesmo silenciado, o Goiabal ECOa,
Na luta de quem o renova, de quem o ressoa.

Que as chamas do crime se extinguam,
E permitam ao céu em azul renascer.
Que o fogo não consuma nem destrua
Que as plantas possam crescer

Que a nossa força continue
Que a nossa força construa
Um Goiabal vivo, alegre, unido
Que viva os lutos
Mas que não foge à Luta!



Imagen 5. Queiroz, Victoria. Entre ares, olhar o que restou. Registros e acervo pessoal de Victória Queiroz, 2024. Fotografias no Parque do Goiabal (Ituiutaba, MG) na manhã de 26/09/2024.

No alto, na vista, no olhar	Explosiva reação
O verde viceja o viver	O vermelho, virou cinza
No solo a vida recicla	Serapilheira de anos, lar de milhares
A folha resseca e revira	Se esvaiu em energia
Deforma e reforma	Copas, troncos, folhas
Transforma	Lares, bases, refúgios
E a matéria ativa	Vistas vistas, vigorosas
Formas novas, cores de sobra	Ameaçadas pela ignorância
Contudo, no Cerrado é fogo	Mudam
Foi fogo, fumaça, combustão	O papel de lá
Com tudo, sumiu	Onde a vida era boa
Consumiu	Onde havia <i>Boa</i>
Feito combustível	A famosa jiboia
Do mundo saiu	

Assustadora serpente plástica
Toma conta, toma forma
Traz vã esperança

De abrandar a chama
Salvação



Imagen 6. Queiroz, Victória. Entre ares, olhar o que restou. Registros e acervo pessoal de Victória Queiroz, 2024. Fotografias no Parque do Goiabal (Ituiutaba, MG) na manhã de 26/09/2024

Tristes troncos tortuosos tentam testemunhar terrível tragédia. Tal tentativa tenaz, termina temática trazendo tipologia típica. Tratando todos terminantemente tímidos. Tamanha tortura tola, totalmente torneável.



Imagen 7. Água, força ativa. Registros e acervo pessoal de Victória Queiroz, 2024. Fotografias no Parque do Goiabal (Ituiutaba, MG) na manhã de 26/09/2024 manipuladas digitalmente pelas autorias.

Água, força viva

Queria nadar

Fluido que movimenta

Mas só a ausência

Seiva da terra

Nada no ar

A nos regar

Água da chuva

Água, venha até nós

Queria molhar

Ou que possamos te levar

O passado queimado

Onde tantos aguardam

Mas não posso mais

Com tamanha sede

Água em abundância

Água, atrasada

Mas com certa leveza

Equilíbrio, franqueza
Para não supitar

Sobreviver

Às mudanças climáticas
Com água, sem água
Desafio do caminhar



Imagen 8. Queiroz, Victória. Frestas em chamas. Registros e acervo pessoal de Victória Queiroz, 2024. Fotografias no Parque do Goiabal (Ituiutaba, MG) na manhã de 26/09/2024 manipuladas digitalmente pelas autorias.

Quão frágil é a vida
Quão rápido é a atuação do elemento fogo
Que força tem nos rastros que ele deixa
Na fumaça que sobe
Que cega tudo e motiva a lutar pelo suspirar
Comoção, sensibilidade, confluência, envolvimento, atenção...
O fogo e seus rastros

Trouxe aquilombamento, tensão, vontade de adiar o fim desse mundo... em chamas
Um ressurgir do conformismo de que tudo está no fim
É isso!
É isso?
Não há o que fazer!
Não há o que fazer?
Ora, do que o capitalismo não se apropriou?
Até a natureza se transformou... em mera mercadoria
Mas para quem?
A que preço?
O capitalismo se modernizou, se reformulou,
Em que ponto estamos do tudo e do nada
Qual era estamos vivendo?
Antropoceno, Plantationceno, Destruiceno...?
Desenvolvimento que apaga a espontaneidade do fluir da vida
Os rios que são o sangue que pulsa vida, "valem" quanto?
As carnes em sangue das nossas vidas que gritam
Quem ouve esse clamor?
O que mais os guardiões das matas vão precisar fazer para essa gente ver
Vamos lamentar entre nós e recuar quando frio, totalmente destruídos
Não há mais margens que nos caibam
Contracolonizar, aquilombar os corações, corpos e práticas
Adiar esse mundo colonizado, antropizado, marcado de tanta humanidade
Ou melhor, adiantar o seu fim... para que outro mundo possa renascer
Mas confesso: melhor seria se o passado não fosse queimado...



Imagen 9. Queiroz, Victória. Paisagens desabando. Registros e acervo pessoal de Victória Queiroz, 2024. Fotografias no Parque do Goiabal (Ituiutaba, MG) na manhã de 26/09/2024.

O Chora-chuva anunciou...
Não era chuva, bradou...
E antes fosse, mas é cinza... cinzas, fumaça, fogo, ele bradou,
E começou o corre-corre, para lá e para cá;
Águas das chuvas... quase 90 dias sem na terra encostar
A notícia se espalhou, junto com a Natureza da Natureza
As vidas pulsantes, buscavam respirar
E se preocupavam em sair e deixar por lá o Jatobá com os outros a queimar
O Sabiá foi para longe também avisando que a tragédia
A Siriema que vocaliza parecendo que está gargalhando saiu até voando
Olha lá o peba! O Tatu foi tão profundo que os outros amigos não sabem sequer se
vai voltar
A Cutia “pititica” nessa história triste apareceu também
O Tamanduá andando de mansinho repetia, lá não dá para ficar ninguém

O Urutau outro pé de árvore foi beirar
O Tapeti com seus pulinhos apressava buscando onde encostar para respirar
Chora-Chuva continuava a bradar:

- O Goiabal é a nossa casa!

Será que sabe que outro remanescente não há?

A Jacurutu perguntou:

- E o outro mato de lá?

O Bem-te-Vi perguntou:

- Qual?

A Jacurutu sem muita certeza repontou:

- Onde mora a mana Anta e o bonitão do Guará;

“Sê” besta! Longe demais! Falou o Jacu sem medo

O “homí” de lá tirou tudo que é bom, agora só tem um mundo velho de cana-de-açúcar, uma barulheira, “nim”, é melhor deixar para lá!

O Urutau apareceu do “nada” e com esperança perguntou:

- “Tá”, mas onde nós vamos refugiar?

Os Macacos pregos depois de muito voltaram com a notícia:

- Os moleques do Coletivo estão lá, tentando apagar!

Os Gracilinanus juntos disseram:

- Tem também os vizinhos e um carro grandão;

A Íris⁶ concluiu:

- Vamos ficar ao lado da represa, onde o fogo não chegou

E vamos resistir como o Cerrado velho nos ensinou!

⁶ Íris é uma macaca-prego que reside no Parque do Goiabal. A mesma não possuiu a mão esquerda. Há uma hipótese de que ocorreu um choque ao andar nos fios de distribuição de energia devido à proximidade do parque com conjuntos habitacionais. Ela consiste, para nós, como um ser que resiste e re-existe, como as demais vidas no Cerrado, apesar das duras pressões capitalistas, como o crescimento e a especulação imobiliária, junto da indústria agropecuária, de estradas e atropelamentos, queimadas, secas, dentre outros.



Imagen 10. Queiroz, Victória. Medo de quê? Registros e acervo pessoal de Victória Queiroz, 2024. Colagem sobre fotografias do Incêndio no Parque do Goiabal (Ituiutaba, MG) na manhã de 26/09/2024 manipuladas digitalmente pelas autorias.

Medo. Tantos significados e dimensões. Medo de quê? Se perguntam os humanos. Do que você tem medo? Da dor, de perder um ente querido ou de ver o céu caindo? Medo de ver o controle da linha do destino se esvair de suas mãos? Do que você tem medo? Medo de falhar com aquilo que você mais ama? Medo de não ter onde se abrigar nos dias de solidão? Medo, será que esse é o primeiro sentimento que temos ao nascer? O medo chega a doer os ossos, a pele, a alma. Tudo dói. O corpo padece. Um grito preso na garganta, que está entalado a meses, mas que você guarda para si. O medo que cresce junto das chamas, incontroláveis. Espaço irrespirável. Transborda aos poros, escorre ao suor e engole o suspiro de esperança. Medo de não sonhar o que nos constrói, o pior de todos.



Imagen 11. Queiroz, Victória. Esperança tardia. Registros e acervo pessoal de Victória Queiroz, 2024. Fotografia do Incêndio no Parque do Goiabal (Ituiutaba, MG) na manhã de 26/09/2024.

A esperança às vezes paira... acima de nossas cabeças. Deveríamos mesmo esperá-la tanto? Ou seria mero engano, justamente o que o capitalismo quer de nós? Corpos dóceis, aguardando. Corpos paralisados, esperando. Não quero ficar parado vendo tudo queimar. Quero parar esse fogo, jogar água nas chamas, fazer algo. Quero me mover, quero tentar. Sei que há algo a se fazer. Tento, respiro, desejo, suspiro. Pausa. Quem sabe, a esperança devesse ser verbo, como Paulo Freire nos ensinou: esperançar. Sair da inércia, deslocar. Em coletivos, para trás o medo deixar. Ou ir com medo mesmo. Seguir. Juntos. Num amanhã desconhecido, mas que virá. Enfim, chover... Enfim, regar... Enfim, Goiabal Vivo... na luta continuar!

3. Renascendo das Cinzas... ou modos de seguir

O que segue conosco após queimarmos juntos do Parque do Goiabal? Experiências traumáticas demandam tempo para serem elaboradas. Em tantos momentos viver o luto é tarefa necessária. Porém, apesar da dor e da dureza das

crises ambientais, frutos do sistema colonial capitalístico (Rolnik, 2018), não sucumbir aos afetos tristes é necessário, já que corpos despotencializados não conseguem lutar. Seguir acreditando e agindo, mesmo quando tudo parece um deserto de cinzas. Ver a força do coletivo, eis uma tarefa a se cultivar.

Este trabalho, ao pensar na potência de explorar as criações artísticas nas interfaces entre naturezas-culturas em tempos de mudanças climáticas (Haraway, 2021; 2022; 2023) tanto para a formação de biólogos/as, cientistas e professores/as de ciências e biologia, quanto para dar vazão aos afetos que demandavam extravasar (Rolnik, 2016), forja um arquivo poético de imagens e de escritas. Revisitar as memórias e com elas criar é experimentar um caminho que passa pela dor, que registra e denuncia violências, mas que se coloca ativamente e afirmativamente na tarefa de forjar caminhos possíveis.

Cultivar mundos com diferentes espécies (Haraway, 2023). Em paisagens em ruínas (Tsing, 2019) do Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, talvez certas possibilidades estejam justamente na Terra/terra – como com os ctônicos, do Chthuluceno –, na relação com os múltiplos seres que conosco existem, cultivando a arte de viver, criar, morrer e renascer com (Haraway, 2023). Entre confluências de saberes (Santos, 2023) adiar o fim do mundo, do nosso mundo (Krenak, 2019).

Educar, aprender, divulgar as ciências, tecer diálogos, experimentar relações viscerais e multiespécies com os processos criativos. Ramificar entre as artes com as vidas do Cerrado, com o próprio Cerrado vivo, com o Goiabal Vivo, com o Parque do Goiabal. Resistir e, por fim mas não menos importante, cultivar a resiliência, feito as flores de ipê que nascem nos períodos mais secos, feito as plantas que frutificam após o fogo: renascer com as cinzas, re-existir afirmativamente. Um novo mundo inventar!

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios.** Chapecó: Argos, 2009.
- CARTIER-BRESSON, Henri. O instante decisivo. In. BACELLAR, Mario Clark (Org). **Fotografia e Jornalismo.** São Paulo: Escola de Comunicações e Artes (USP), 1971, pp. 19-26.
- ESPIR, Raquel Tibery. **Henri Cartier-Bresson e as “Cicatrizes do Mundo”: uma poética da denúncia.** 2004. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no chthluceno**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: UBU Editora, 2022.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

KRENAK, Ailton. **A Vida não é Útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NOVAIS, Giuliano Tostes; BRITO, Jorge Luís Silva; SANCHES, Fabio de Oliveira. **Unidades Climáticas do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba**. Revista Brasileira de Climatologia, n. 14, v. 23, jul/dez, 2018.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2016.

SALES, Tiago Amaral; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 275–293, 2021. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2021.v6i11.275-293>

SALES, Tiago Amaral. Cartografias do cerrado: devires, marcas e forrageios em processos de pesquisa-trans-formação de um biólogo. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, [S. I.J, v. 13, n. 2, p. 466–482, 2020. <https://doi.org/10.46667/renbio.v13i2.358>

SALES, Tiago Amaral. Vivir y morir con: (trágicos) aprendizajes multiespecie y formas de decir adiós. **Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales**, v. 12, n. 2, 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

Sobre os(as) autores(as)

Tiago Amaral Sales é Professor Assistente nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, vinculados ao Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), e Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação Básica (PPGPEDU), ambos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Realizou o pós-doutorado em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutor e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Santa Catarina (UNESA). Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU).

tiagoamaralsales@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2295345372533795>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3555-8026>

Victória dos Santos Queiroz, é licencianda em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Integrante, artista e ambientalista junto ao Coletivo Goiabal Vivo.

victoriaqueiroveq@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8916328923907021>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0968-7212>

Karen Evangelista Marques é integrante do coletivo, ambientalista, bióloga pela Universidade Federal de Uberlândia, fotógrafa e artista.

karen19-marques@outlook.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9846265196957584>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-3442-7387>

Karen Daniela de Sousa Custódio é licencianda em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Integrante do coletivo, artista e ambientalista junto ao Coletivo Goiabal Vivo.

karen.de@ufu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4689998711690506>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-1882-026>

Mike Nascimento dos Santos é licenciando em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlandia (UFU), Campus Pontal. Integrante do coletivo, artista e ambientalista junto ao Coletivo Goiabal Vivo.

mike.santos@ufu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4043174905224052>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-3291-0447>

Lucas Matheus da Rocha é professor Associado nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, do Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Doutor e Mestre em Ciências Biológicas (Botânica) pelo Programa de Pós-Graduação em Botânica do Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGBOT/MN/UFRJ). Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

lucasrocha@ufu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2684055663213328>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0358-2814>

Como citar

SALES, Tiago Amaral; QUEIROZ, Victória dos Santos; MARQUES, Karen Evangelista; CUSTÓDIO, Karen Daniela de Sousa; DOS SANTOS, Mike Nascimento; DA ROCHA, Lucas Matheus; COLETIVO GOIABAL VIVO. Goiabal em chamas: ardentes memórias e criações para renascer com as cinzas. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 6 n. 1, n.p.. 1º Semestre de 2025. Doi. 10.14393/EdA-v6-n1-2025-76183 (**versão ahead of print**).



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.